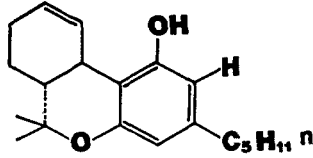


## PRÓLOGO

---



«Le fait même que la vente et la consommation de la marihuana soient interdites dans la plupart des pays occidentaux transforme tout possesseur en délinquant. Mais aucune étude sérieuse n'a pu démontrer que le chanvre indien, tel qu'il est consommé de nos jours en Occident, entraînait le fumeur à commettre des actes de violence. Toutefois, la marihuana fait peur. Pourquoi?»

Jean-Pierre Desportes, *La Recherche*,  
vol. 4, n.º 36, 1973, p. 704.

*Dedicamos especial atenção, neste segundo número de ANÁLISE PSICOLÓGICA, à chamada «problemática da droga». Dizemos a chamada problemática da droga porque só por comodidade de linguagem se pode designar assim tão abstractamente as múltiplas questões ligadas ao consumo de variadas e não confundíveis substâncias psicotrópicas, o que ideologicamente se condensa, no discurso dos «oficiais» como no do bom-bravo-cidadão-comum, através da condenação-do-drogado e do apelo para a intervenção das Autoridades (policiais, judiciais, psiquiátricas, parentais) no sentido de se pôr cobro a essa situação de exibição pública, e desafiante, das diferenças.*

*Ei-lo, o «drogado», exposto como espectáculo indecente na polida vitrina da burguesia, apontado como estrangeiro numa Cidade que (já) não pode ser dele, elevado à categoria de entidade mítica associada a uma contracultura ameaçante e como altar de sacrifício de um pharmakos, bode expiatório nomeado com a indiscriminação da ideologia, fantasma inoportuno envolto por brumas que vêm estragar o piquenique vital das muito óptimas famílias Silva.*

*Canalização oportuna das fantasmatisações colectivas de uma sociedade cristalizada no mecanismo neurótico de recusa-do-diferente, do horror-ao-estranho, a «droga»/os «drogados» surgem como alvo da recusa vitoriana da impureza, como objecto de agressões mais ou menos racionalizadas em torno da defesa da Sociedade contra uma forma de neoplasia social que viria destruir pela base a ordem estabelecida. O que tem implícito, é claro, o pressuposto de que o que está estabelecido é uma ordem e não uma desordem.*

*Os dados oficiais revelam que a grande incidência do consumo de psicotrópicos em Portugal se situa não nas drogas «duras» mas nos derivados de Cannabis sativa, ritualmente consumidos entre tan-*

*tas outras culturas sem que o Dilúvio aconteça. Porquê então esta ameaça do Dilúvio a propósito do haxixe num dos países mais alcoólicos do mundo, onde as entidades oficiais continuam a sloganizar que beber vinho é dar de comer a mais de um milhão de portugueses?*

*A vertente ideológica, fantasmática, da questão, é por demais evidente para que nos possamos dar ao luxo de não denunciar esta sua dimensão, num momento em que a «solução» pretendida por muitos responsáveis (?) parece ser a adopção em Portugal da repressiva lei brasileira anti-«droga». Psicólogos e psiquiatras passarão então a usar o distintivo de «sheriff», e as algemas tornar-se-ão sem dúvida uma ferramenta imprescindível na acção terapêutico-policial. Delírio passageiro ou sintoma de que novas importações do Brasil nos ameaçam?*

*É para nós claro que a dramatização pequeno-burguesa do «problema da droga» se inscreve no plano ideológico e não no científico. É urgente que os homens dos vários campos das ciências bio-sociais (biólogos, médicos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, juristas, etc.) procedam à des-dramatização objectiva da situação, remetendo a questão para as suas devidas dimensões biológicas, psicológicas, políticas e sociais, desmitificando o processo cómodo que consiste em arranjar bodes expiatórios como pretexto para a escotomização dos problemas de fundo.*

*ANÁLISE PSICOLÓGICA aborda pois o(s) problema(s) da(s) droga(s), na modesta proporção das suas possibilidades, e agradece aos especialistas que contribuíram com as suas reflexões e observações para este número da Revista.*

*Lisboa, Dezembro de 1977.*

LUIS SOCZKA